



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

JUVENTUDES NEGRAS, PRESENTE: A PRODUÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO ATIVISMO DIGITAL DO GRUPO JUVENTUDE NEGRA KALUNGA

Luizete Vicente da Silva

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (campus Cajazeiras) e-mail: luizetevicentesilva@gmail.com.

Resumo: O presente artigo advém da dissertação de mestrado que fala sobre a o ativismo digital da juventude negra. O projeto de pesquisa teve o objetivo de analisar a produção sociopolítica do ativismo digital negro por meio da observação do uso do aplicativo WhatsApp pela “Juventude Negra Kalunga”, grupo formado por jovens negros que se propõe a discutir as relações raciais, dando ênfase à prática do empoderamento juvenil e à identidade da juventude. Pretende-se observar como o grupo interage neste ciberespaço e quais os desdobramentos que esse ambiente virtual desenvolve nas relações presenciais e na construção de espaços de discussão para o exercício da cidadania da juventude negra.

Palavras-chave: juventude, cidadania, ativismo digital, movimento negro, redes sociais.

Introdução

Discorrer sobre a juventude negra brasileira pode ser considerado um grande desafio. Isso porque acessar o campo sobre significado de juventude e, em especial, juventude negra no Brasil, é entrar em campo tomado de suposições e incertezas sobre as violações desse grupo com marcadores determinantes como a relação racial, gênero, orientação sexual, geracional, social, dentre outros. Seria difícil não reconhecer que esse tema traz diferentes afetos e sensações, pois se trata de uma parte significativa do projeto pesquisado durante o mestrado em comunicação. Neste momento, a teoria científica se entrelaça com a prática de vida para tentar narrar às tensões, descobertas e conflitos em torno das diversas identificações geracionais e raciais. Essa “teia” que Joca e Vasconcelos (2015) fala sobre o “fazer ciência” entre as classificações principais da

pesquisa, juventude e raça, como marcadores que constituem a produção acadêmica. Por isso, é necessário partir do início, ou parafraseando a máxima de Lao-Tsé, “uma longa caminhada começa com o primeiro passo”.

1. Juventude negra: o “eu e o “outro”

O que falar sobre essa etapa de vida na qual se vive uma constante mudança? E como analisar um grupo etário sem cair na armadilha de uma definição já firmada? Diversos autores vêm abordando a temática juventude durante décadas para tentar compreender as concepções, valores, gostos e desejos dessa população que tem moldado as relações de afeto, cultura e sociabilidade no mundo. Um grupo que apresenta comportamento, formas específicas e se transforma, a todo instante, para se afirmar no mundo. Como descreve Diógenes (2011) “não



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

é por acaso que ela surge como emblema de uma época que não tem tempo de envelhecer, tudo muda e se torna obsoleto num piscar de olhos” (Diógenes, 2011, pg. 54).

Essa população, que tem diferentes definições sobre o rito de passagem da infância para a vida adulta, traz muitos dilemas em torno da sua condição juvenil (SPOSITO, 2011). É comum observar essas definições na academia com a introdução da temática em diversas áreas do conhecimento, como na sociologia, educação, comunicação, entre outros. Isso ocorre constantemente, como Diógenes (2011) ressalta, quando discorre sobre os impasses que a juventude enfrenta para sua formação enquanto sujeito social.

Nunca se pesquisou tanto um segmento na tentativa de se identificar suas necessidades, de compreender como ele constrói e expressa sua lógica de pensamento. É como se buscássemos o tempo inteiro definir uma indefinição.

Provavelmente, porque de algum modo nunca se falou tanto em juventude, se exaltou tanto uma condição sem que se saiba exatamente quem ela é e o que busca. Sendo assim, a “vontade de juventude” acaba tomando todo o

corpo social nos tempos atuais. (DIÓGENES, 2011, p. 54)

Com isso, a autora nos apresenta importantes questões para tentar compreender como o termo juventude continua em disputa nos bancos das salas de aula, nas propagandas de produtos que trazem o espírito de jovialidade e/ou na representação das novas tecnologias que incorporam um grande número de usuários jovens. O tema sobre a (in)definição da conceituação de juventude também é encontrada na obra de Joca e Vasconcelos (2015), que narram o desejo de transgredir da juventude em sua pesquisa sobre juventude e sexualidade. Eles classificam como “modos de vida juvenis” os “sujeitos desse movimento de (re)construções de si em constante diálogo com o ‘outro’ (em suas semelhanças e diferenças)” (JOCA; VASCONCELOS, 2015, p.19). Também apresentam a ideia de que a juventude é um “tempo de misturas” que se modifica a todo instante quando dizem que

A “mistura”, ou os “tempos de misturas”, expressão utilizada pelos jovens, surge então como um achado do trabalho de campo. A maneira dos jovens de expressar as formas como a sociabilidade se faz pela afirmação de semelhança



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

e diferenças. Se misturar é juntar coisas diferentes, é embaralhar, é confundir, estar misturado seria estar próximo, em contato com o que difere de si. (JOCA; VASCONCELOS, 2015, p. 38)

Assim, é possível iniciar uma reflexão sobre a (in)definição da juventude, para tentar compreender esse emaranhado de conceituações que desejam responder pelo modo de vida social dessa população. Nesse sentido, o pensamento de Diógenes (2011), assim como de Joca & Vasconcelos (2015), vai ao encontro dessa tentativa de conceituar a juventude como um espaço de misturas e de movimento quando diz que “a juventude representa aquilo que mais parece marcar um padrão de vida específico dos nossos tempos: o movimento” (DIÓGENES, 2011, p. 53). Ela nos proporciona o entendimento sobre um amplo debate acerca da juventude e ainda atenta para a representação de seu consumo na sociedade brasileira, conduzindo-nos para uma explanação sobre os marcadores de sociabilidade desses jovens quando descreve que

A juventude pode ser considerada, atualmente, a vitrine e o emblema do mundo social. É ela que ostenta tendências, gostos, estilos que dinamizam a

pluralidade de signos culturais que alimentam e movimentam a esfera do consumo da sociedade como um todo. (DIÓGENES, 2011, p. 54).

Outros significados também serão abordados nos estudos sobre juventude feitos por Esteves e Abramovay (2007), os quais identificaram que as juventudes são grupos multifacetários, heterogêneos e multidimensionais que estão em constante construção social e sem um determinante único sobre uma vida em grupo e/ou sociedade. Eles dizem que

A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 21).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Ou ainda Dayrell, que afirma que a juventude “não se reduz a um momento de transição, a um tempo de prazer e de uma fase de crise dominada por conflito com a autoestima e/ou personalidade”. E justifica dizendo que “embora não seja fácil construir uma definição da juventude enquanto categoria, podemos entendê-la como uma condição e um tipo de representação”. (SILVA *apud* DAYRELL, 2008, p. 24).

2. Juventude ou Juventudes?!

Compreender que essas juventudes são múltiplas e plurais já é um primeiro passo para entendermos um pouco sobre seus dilemas e percepções referentes à sociedade em que estão inseridas. Essa comunidade etária que se “junta” e se “mistura”, a partir de gostos e/ou afinidades, vontades, desejos.

Assim, Joca e Vasconcelos (2015) afirmam, em seu estudo sobre os trânsitos de identificações e/ou identidades como forma de negociação entre grupos juvenis. Um aglomerado de informações que se constituem, independentemente, das dimensões geográficas, culturais, sociais e provocam um processo de reconhecimento e afirmação muito comum da pós-modernidade, como sujeitos fragmentados que buscam encontrar, partindo do conceito de ruptura da atual formação social e cultural, no “Outro”

suas respostas sobre essas diferenças. Discurso esse que Bauman (2005) reproduz em seu pensamento sobre identidade ao indagar que

Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades *em movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (BAUMAN, 2005, p. 32).

Como se a juventude buscasse, a todo instante, formas de juntar-se e separar-se, a depender de sua aproximação ou afastamento com a identificação. Bauman (2005, p.30) ainda fala que “quando a identidade perde as *âncoras sociais* que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso”, como se esse segmento tentasse coexistir pelo desejo de ser tratado como igual e diferente, tentando descobrir o que o une e o que o separa, para tentar negociar, mesmo que temporariamente, seu pertencimento a determinado grupo ou comunidade. Sobre isso, Bauman afirma que

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p. 17).

Hall (2006) também aplica o processo do “Outro” ao conceito da identidade cultural na pós-mordenidade. Ele diz que o processo de deslocamento dessa identidade cultural produz um sujeito que não tem uma identidade fixa ou permanente, ela é mutável, móvel e pode se transformar, constantemente, conforme interage em outras comunidades. Essa interação do “Outro” deixa de ser fixa e estática para se tornar oscilante, sempre que necessário, para responder pelas questões de pertencimento em comunidades, grupos e/ou coletivos. Reivindicando uma forma de “se encontrar” e “encontrar-se” no outro como forma de expressar sua busca pela identificação coletiva. Ainda sobre isso, Hall (2006, p.11) diz que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Essas ramificações que, cotidianamente, apresentam-se na sociedade

sobre as diferenciações das juventudes são formas de responder pela necessidade social de categorizar esse grupo etário. No entanto, só é possível pensar juventudes se pensarmos em estilos que transitam por diferentes marcadores culturais de gênero, sexualidade, religião, raça, classe, que se interseccionem como possibilidade de aglomerar diferentes categorizações e de desestabilizar as formas conceituais de opressões, discriminações e dominação ainda vigente, para produzir um outro “falar”, “pensar”, “interagir” lateralizado entre os sujeitos.

Por outro lado, Celecina ressalta, na introdução do livro “Levados por Anjos”, de Joca e Vasconcelos (2015), o importante papel dos grupos juvenis, ao introduzir o seguinte pensamento:

Aqui, coexistem os desejos de ‘ser igual’ e de ‘ser diferente’, por modos de vida que se aproximam identificando-se por determinados aspectos; e que se afastam, pela incompatibilidade em outros, elaborando um movimento de ida e vinda, uma ‘mistura’ em movimento. (JOCA; VASCONCELOS, 2015, p. 09).

Celecina mostra que esse grupo etário se apresenta em constante movimento e variação pela busca do seu pertencimento local, social,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cultural como forma de contrapor os conflitos e contradições que vão surgindo nas tomadas de seu caminho para a constituição de uma vida adulta. Com isso, podemos perceber que o termo juventude e suas conceituações é um campo complexo e diverso que demanda reflexão constante.

3. Juventude negra, presente!

Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro (Fanon, 2008), o lugar de fala da juventude negra, bem como o seu empoderamento, os dilemas vivenciados e suas demandas serão formados através da fala do outro. Isso porque a juventude negra tentará compor espaços de pertencimento em determinados grupos, comunidades, sem muito êxito, pois o marcador racial representará um ponto de quebra e distanciamento entre jovens. Para Fanon (2008), que discorre sobre a representação do negro, essa tentativa de pertencer a um aglomerado torna-se, para a juventude negra, um problema constante de autoafirmação. Ele chama a atenção para esse problema, classificando-o como “os pretos são comparação”, esclarecendo que

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é

definitivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. (FANON, 2008, p. 180).

Fanon nos provoca com uma inquietação pungente e nos põe a refletir que a população negra é um grupo que estará sempre à margem na construção de sua identidade. Essa identidade que se modifica invariavelmente, como afirma Hall (2006), que não é possível classificar e/ou agrupar em um mesmo local, pois são complexas e plurais e se alteram com base nas mudanças que ocorrem ao longo do tempo na formação desses sujeitos. Fanon (2008, p. 180) ainda diz que o reconhecimento do negro ocorre por meio de ação “na medida em que ultrapasso meu ser imediato que aprendo o ser do outro como realidade natural e mais do que natural” fazendo com que o outro seja visto e compreendido como sujeito social.

Se o reconhecimento é um marcador necessário para a população negra ter consciência de si e, invariavelmente, a juventude negra, a cidadania também será um marcador importante para tentar entender o problema desse reconhecimento por parte da



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Sociedade, do Estado e da Mídia. Essa população fará parte da grande massa de cidadão sem muito, ou quase nenhum acesso a direitos. Carvalho (2002) classifica em seu livro a Cidadania do Brasil, de 'elementos', no jargão policial, essa população que ocupa, majoritariamente, a terceira classe no Brasil. Ele acredita que é possível encontrar essa população na grande massa de "cidadão simples", a segunda classe, que estão sujeitos aos rigores dos benefícios da lei, mas afirma que a população negra fará parte da terceira classe por ter seus direitos cerceados pelas outras classes, Sociedade, Estado e Polícia. O autor explica que

Finalmente, há os "elementos" do jargão policial, cidadãos de terceira classe. São a grande população marginal das grandes cidades, trabalhadores urbanos e rurais sem carteira assinada, posseiros, empregadas domésticas, biscateiros, camelôs, menores abandonados, mendigos. São quase invariavelmente pardos ou negros, analfabetos, ou com educação fundamental incompleta. Esses "elementos" são parte da comunidade política nacional apenas nominalmente. Na prática, ignoram seus direitos civis ou os têm sistematicamente desrespeitados por outros cidadãos, pelo governo, pela polícia. Não se sentem protegidos pela sociedade e pelas leis. Receiam o contato com agentes da lei, pois a experiência lhes ensinou que ele quase sempre

resulta em prejuízo próprio. (CARVALHO, 2002, p. 216-217)

Carvalho (2002) ainda finaliza dizendo que, para esse grupo racial, existe apenas o Código Penal. Observando o pensamento de Fanon, sobre o reconhecimento do negro e os apontamentos de Carvalho sobre a cidadania da população negra, é possível ponderar que teremos um grupo que tentará, sem muito êxito, acesso aos direitos básicos para tentar exercer sua cidadania. Com isso, tentar aproximar o significante "juventude" com o significante "negro" será uma tentativa de estabelecer o reconhecimento e a cidadania dessa população como grupo social e suas especificidades e diversidade social, cultural, geográfica, econômica, sexual, de gênero, entre outras. Isso ocorre por conta da forma que foi constituída a sociedade brasileira com seus padrões e valores morais produzidos para a reprodução das desigualdades. Na existência de dois pontos que colocam "em xeque" a forma como é reproduzida essa desigualdade.

Sua cidadania, demandas sociais e políticas de acesso na agenda pública, bem como sua representação, serão um reflexo, uma nuance, na tentativa de se constituir como uma categoria social que tenta apresentar suas diferenças para a garantia de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

seus direitos na construção de uma vida digna e equânime. Diferença de acesso aos direitos que Gomes (2002) ressalta como condicionantes sociais e políticos na sociedade brasileira e que violam sua condição de vida. Ele questiona sobre a impossibilidade dessa população ser percebida como sujeito social que tem diferença no acesso à sua cidadania, indagando se

Será preciso que a juventude negra grite, cante, denuncie para que a sociedade brasileira compreenda que o recorte racial nos possibilita a enxergar que os condicionamentos sociais e políticos incidem de maneira diferente sobre os jovens negros e brancos? (GOMES, 2002, p.73).

Isso ocorre por conta da falta de acesso e garantia de direitos que acabam por sentenciar a juventude negra a altos índices de desigualdades, vulnerabilidades e criminalização. Essa ação viola as possibilidades de disputar um lugar social, cultural e econômico para esses jovens, tornando suas perspectivas de acesso cada vez mais inseguras.

4. Juventude negra em movimento

Se a “cidadania é uma construção histórica ligada às lutas pela conquista dos direitos do cidadão moderno”, como reassalta Vieira (2001), a cidadania da juventude negra será um elemento que constituirá na concepção de sua identidade como um estado de mutação que implicará nas ações da juventude negra no coletivo. Essa cidadania buscará o pertencimento múltiplo e diverso no deslocamento de suas identificações, a partir de um coletivo que responda por suas inquietações, anseios e desejos de ser comunidade. Para Bauman (2005), essas “comunidades” se dividem em dois pontos sociais para tentar responder pela relação afetiva e dar sentido ao desejo do indivíduo de compor espaços comuns. Ele acredita que

É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) ‘vivem juntos numa ligação absoluta’, e outras que são ‘fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios’. (BAUMAN, 2005, p.17).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Assim, é possível pensar que o grupo Juventude Negra Kalunga enquadra-se no segundo tipo de comunidade de Bauman (2005), que viverá uma ligação fundida em ideais, desejos e gostos. Uma comunidade que nasce em 2007, após a chegada de alguns membros do I Encontro Nacional de Juventude Negra (ENJUNE). O I ENJUNE foi realizado entre os dias 27 a 29 de julho de 2007, na cidade de Lauro de Freitas/Bahia, e teve como lema “Novas perspectivas para a militância étnico-racial”. A atividade tinha como objetivo ampliar o diálogo sobre essa problemática, os direitos da juventude negra de todo o país. À época, uma mobilização nacional de jovens negros/as foi articulada através dos fóruns de discussão na internet, reuniões e encontros estaduais preparatórios para a participação de representantes dos estados. A atividade contou com a participação de cerca de setecentas pessoas de diversos lugares do país. No encontro, foi produzido o relatório com a consolidação das propostas e resultado das discussões e deliberações ocorridas nas etapas municipais, regionais e estaduais consolidadas e aprovadas durante o ENJUNE, do qual constam mais de setecentas propostas, divididas em catorze eixos temáticos¹.

¹ Os eixos temáticos do relatório do I ENJUNE: cultura; segurança, vulnerabilidade e risco social;

Ramos (2014, p. 34) descreve a experiência do I ENJUNE em sua dissertação, na qual discorre sobre as taxas de homicídios de jovens negros no Brasil: “no geral, o documento pode ser considerado tanto um programa de ação para a organização da juventude negra como uma agenda a ser seguida pelo Poder Público, conforme veremos adiante em entrevistas com alguns militantes”. O sociólogo apresenta um balanço do encontro, que contou a representação de jovens negros de todos os estados brasileiros e os desafios que o grupo etário enfrenta no contexto brasileiro na luta por direitos, justiça social e reconhecimento.

Em 2007, no Estado do Ceará, um grupo de jovens negros/as articulou a pauta para convocar a juventude negra para a realização da etapa estadual, que contou com participação de diversas pessoas. Ao retornar do encontro, os/as jovens/as negros/as sentiram a necessidade de organizar suas pautas no movimento negro com o recorte geracional, para dar visibilidade às demandas da categoria. Esses são os primeiros passos do grupo, sem nome definido, que sentia a

educação; saúde; terra e moradia; comunicação e tecnologia; religião do povo negro; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; trabalho; intervenção social nos espaços políticos; reparações e ações afirmativas; gênero e feminismo; identidade de gênero e orientação sexual; inclusão de pessoas com deficiência. (Relatório final do I ENJUNE, 2014).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

urgência de atuar no debate da juventude negra no Estado. Um ano depois, o grupo é batizado com o nome de Kalunga². No mesmo período, o movimento percebe a necessidade de se inserir nos meios de comunicação, pois, como Gohn (2010) afirma, a pós-modernidade pede uma relação com diferentes articulações em rede, e o grupo também necessitava dessa conectividade com o mundo ao seu redor para apresentação de suas demandas. Para Gohn (2010), o atual momento produz diferentes articulações em rede para a reprodução de temáticas organizadas em segmentos, formando um novo modelo de cooperação no Brasil. É possível pensar sobre as diversas pautas que grupos, coletivos e/ou organizações debatem, utilizando, como ponto de partida, a organização em blocos sociais como forma de dividirem os espaços de atuação e participação em redes de mobilização.

Nesta conjuntura indaga-se: qual o papel dessas redes associativas no desenrolar dos processos

² Do termo multilinguístico kalunga, que encerra ideia de grandeza, imensidão, designando Deus, o mar, a morte, – o vocábulo kalunga (Deus), do verbo okulunga (ser esperto, inteligente), encontra-se no dialeto dos Ambóse em outros grupos vizinhos. No Ceará, o termo foi atribuído a boneca negra do maracatu. Informação retirada do site: <http://www.dm.com.br/opiniao/2015/04/kalunga-origens-e-significados-final.html>.

democráticos, e qual a concepção de democracia que fundamentam suas práticas (como elas se veem e que horizontes projetam para a sociedade). Como essas redes se articulam ao campo sociopolítico e cultural do país? Como nos alerta Touraine, precisamos identificar os sujeitos que estão em discussão neste cenário tão amplo. (GOHN, 2010, p. 12).

Gohn (2010) abre uma reflexão sobre a comunidade em movimento nas redes e alerta para um novo momento no cenário dos movimentos sociais que alterará “a forma e as estruturas do associativismo da sociedade civil e suas relações com o Estado”. O coletivo, percebendo essas reflexões, inicia a criação de espaços de divulgação e articulação do grupo com a sociedade através da elaboração do blog. Anos depois, o grupo entra nas redes sociais com a página no *Facebook*, que culmina na chegada ao aplicativo *Whatsapp*.

O coletivo auxilia o processo de empoderamento e visibilidade da juventude negra cearense e luta pelo fortalecimento das pautas dessa juventude, no que se refere à luta por direitos, como o direito à comunicação, com a realização de oficinas, palestras, roda de conversas, entre outras metodologias, em



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

escolas públicas da rede de ensino, onde discute a temática, levando produções que possibilitam o diálogo e a produção de conteúdos relacionados à população negra. Atuando na promoção de consciência racial da juventude cearense, contribuindo para a construção da sua identidade a partir do processo de conscientização dos e das jovens negros e negras e fomentando espaços de participação em que a discussão das demandas dessa juventude sejam priorizadas. Esse grupo de jovens com, aproximadamente, dez anos de militância discute sobre a condição do negro na sociedade, o seu papel na formação social do povo brasileiro e como esse ator se remodela para responder pelas discriminações e preconceitos que vivencia.

5. Conclusões

Dessa forma, é provável imaginar que o grupo tem praticado formas de ativismo político e social para reivindicar suas pautas na sociedade e, por meio da mídia, em especial do aplicativo móvel, tenta dar visibilidade aos seus direitos. Segundo Sposito (2009), é comum a necessidade de produzir novas formas de ativismo digital entre os jovens que anseiam pela produção de espaços que unam e os distingam. Um pensamento peculiar da pós-modernidade entre os movimentos que contam com as

novas tecnologias para constituir outros lugares de fala e de práticas coletivas. Sendo assim, a juventude negra inicia os primeiros passos no campo do ativismo digital para promover e denunciar suas causas, expondo para a sociedade, suas opiniões para que sejam assegurados seus direitos.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007. Acesso em agosto 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte, 2008.

DIÓGENES, Gloria. Juventude, cultura e violência. In: BARREIRA, César; BATISTA, Élcio (Coord.). **(In) Segurança e sociedade:** treze lições. Campinas: Pontes, 2011.

FANON. Frantz. **Peles negras, mascaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GOHN, M. da G. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2004.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

GOMES, Nilma Lino. **Rappers, educação e identidade racial:** educação popular afro-brasileira. Florianópolis: Editora Atilênde, 2002. (Núcleo de Estudos Negros)

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOCA, Alexandre Martins; VASCONCELOS, Francisco Herbert Lima. **Levados por anjos:** modos de vida, educação e sexualidades juvenis. Recife: Imprima, 2015.

RAMOS, Paulo César. **Contrariando a estatística:** a tematização dos homicídios pelos jovens negros no Brasil. 2015. (Dissertação) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SPOSITO, M. P. (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pósgraduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social** (19992006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. v.1-2.

VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania:** a sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.